

GEOGRAFIA MESTIÇA, CAMINHOS LABIRÍNTICOS

Marjana Vedovatto¹

DANTAS, Eugênia Maria. **Transformar conservando**: para uma geografia mestiça. Recurso eletrônico – Natal, RN: EDUFRN, 2021. 258 p. Modo de acesso: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/1/6222>>. ISBN 978-65-5569-080-4

Esse livro foi preparado por Eugênia Maria Dantas para seu concurso para Professora Titular do departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ou seja, fruto da confluência de suas trajetórias de vida em torno dos estudos e do fazer geográfico. Dentro desse contexto, a autora nos convida a pensar a Geografia por caminhos pouco trilhados ou ainda não experimentados, tortuosos. A construção narrativa do livro é uma proposta incômoda de abertura que se coloca nas discussões sobre o papel da Geografia e suas perspectivas de métodos científicos para além do hegemônico das Ciências na contemporaneidade.

A obra nos coloca, já em seu título, duas provocações reflexivas: A primeira é a de que, habituados a compreender a transformação como o abandono de algo (que então se torna antigo e

¹ Geógrafa, Mestra em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsista CAPES. marjana.vedovatto@uel.br.

✉ Rodovia Celso Garcia Cid, PR-445, KM-380, Campus Universitário, Londrina, PR. 86057-970.



ultrapassado) por algo “novo” (que se torna atual, contemporâneo), ignoramos a possibilidade de uma transformação que conserve, em certa medida, elementos que validem e enriqueçam a composição para além dessa noção de superação baseada em um tempo linear. A segunda, trata-se do reconhecimento da Geografia como mestiça, o que contraria a ideia já tão almejada de purismo, sobretudo científico-metodológico.

A discussão se desdobra em “**Caminhos e horizontes**”, trazendo a fronteira entre os campos de conhecimento, Ciência e Arte, como solo fértil onde a mestiçagem brota incessantemente. Eugênia Maria Dantas entrega-se ao mistério e ao desconforto das incertezas que as rasuras de tais fronteiras oferecem. Assim, a autora aposta no sucesso de uma Ciência que se permite experimentar a fronteira, “alimentando-se do êxodo”, deslocando-se em “narrativas com contornos mais flexíveis, permeáveis e, por que não dizer, mestiços” (p. 34).

Direcionando-se mais ao caso da “**Geografia, uma certa narrativa paradigmática**”, vão sendo analisadas as abordagens que ganharam e deram força à modernidade, consolidando uma Ciência “fechada em paradigmas” e dicotomias, deixando como herança uma rigidez de matrizes teóricas e de método na Geografia contemporânea. Essa composição se reflete diretamente nas abordagens e temas de pesquisas, que vão sendo moldados em paradigmas baseados na ideia de uma sociedade homogênea controlada por “regras do capitalismo e de sua dinâmica”. A discussão retoma a mestiçagem como o próprio movimento para que a Ciência supere esses “obstáculos epistemológicos” feitos de certezas paradigmáticas.

A autora, ainda refletindo sobre esse problema, cita Bruno Latour para dizer que “o enquadramento explicativo do mundo em teorias que calam o próprio mundo é inútil” (p. 76) e que o “legado paradigmático cartesiano é denso, enraizado e disseminado” (p. 77). Coloca-se então, o desafio de “religar” tudo o que foi sendo separado por essas análises. Para isso, é proposta uma “reforma paradigmática complexa”, que ocorra por meio do “deslocamento e pelo diálogo entre campos de saberes que, por sua vez, exercita a contradição, a concorrência e a complementaridade entre realidades distintas como desafios de método” (p. 78). Esse diálogo é a chave para habitar as fronteiras, pois “as fronteiras, ao contrário dos limites, permitem o trânsito, o movimento, a tensão, a passagem pelo caminho do meio de seres, objetos e coisas” (p. 78), sendo a Geografia, considerada por Edgar Morin (2000), uma das disciplinas que possui “a expertise de habitar e ao mesmo tempo não habitar a fronteira” (p. 77).

Nesse sentido, Eugenia Maria Dantas vai tecendo “**Geografia, a descrição como estratégia narrativa**”, ao afirmar que “a Geografia traz, em sua matriz, o desafio de descrever a Terra”. Esse exercício da descrição é realizado a partir de reduções e ampliações escalares, costurado e transformado pelo jogo da linguagem. Não pela distinção, que segundo a autora, seria o operador para o modelo reduzido, mas sim pela ideia de paisagem onde tudo se imiscui, ou seja, a paisagem como sua “matriz epistemológica”. Assim, a paisagem vai ganhando relevância no

texto, apresentando-se como a dimensão que expressa uma **“Geografia, entre o sensível e o inteligível”**. A autora vai descrevendo de que maneira o corpo “dissimula-se e se refaz nas paisagens sentidas e experimentadas” (p. 90), levando ao entendimento de uma paisagem complexa, móvel, metamórfica, que se apresenta como uma dança de encontros, “reelaboração das trajetórias imaginativas das experiências”, espaço feito de “fronteiras borradas”.

Para pensar essa paisagem a partir das “trajetórias mestiças” em suas “filigranas temporais e espaciais”, é evocado o pensamento de Michel Serres de maneira intensa e cativante, relacionando o corpo como paisagem, fazendo uma analogia ao Arlequim enquanto mosaico de lembranças e de esquecimentos. Esse corpo metafísico se desloca e se transforma constantemente, “torna-se parte da paisagem, [...] tatuado pelo vento, pelo sons, pelo sol, pela lua, pela água” (p. 108). O corpo, em um amplo sentido, não apenas faz parte da paisagem como também a cria e por ela é criado. É a própria Terra por meio de suas paisagens que dispõe alimentos para os sentidos, obstáculos e dificuldades que desafiam o habitar e ao mesmo tempo, apresenta as condições para que soluções sejam encontradas.

Nessa íntima relação corpo-mundo, a técnica pode ser considerada uma mediadora que permitiu as adaptações aos mais diversos contextos terrestres, o que nos permite pensar em muitos instrumentos como “extensores corporais”. Nas palavras da autora, “o mundo fazendo-se corpo varia em extensões de próteses como lupas, telescópios, microscópios, satélites, foguetes, torres de controle, sondas.” (p. 110). Para Alexandre Koyré (1982), as técnicas são extensões do corpo na atividade de transformação da matéria para o consumo. Para ele, “o fole que alimenta o fogo é uma extensão pulmonar não biológica e socializada, integrada num complexo tecnológico.” (p. 216). Considerando nosso contexto tecnológico atual, Eugênia Maria Dantas nos provoca ao se perguntar se tais extensores corporais chegariam ao patamar de substituição da matéria, dos sentidos e da intuição.

Nesse momento, ela retoma o papel da Geografia em sua gênese de abordar as diferentes maneiras que as espécies encontraram para se adaptar e viver, sobretudo a do Sapiens. E com isso, “desvelar a tessitura engendrada pela vida em um contexto específico significa encontrar esse conhecimento em diferentes registros e narrar o que decorre das várias experiências.” (p. 118) se torna fundamental. Não se trata apenas de uma descrição no sentido de diferenciar culturas ou formas de vida, mas de encontrar pistas de uma “universalidade do mundo que se abriga na singularidade do ponto, da curva, do desvio, da bifurcação.” (p. 122), tornando a **“Geografia, um corpo mestiçado de experiências.”**

A paisagem retoma seu protagonismo como corpo mestiçado, tomando formas e sentidos que variam de acordo com uma infinidade de fatores inerentes à própria dinâmica da vida. A reflexão é inspirada por fotografias de inscrições rupestres em rochas que apresentam rachaduras e descamações formando desenhos: inscrições que confluem para gerar o questionamento da autora: “Quem escreve essa paisagem fazendo do vento, da água, do calor, do frio, do sol modeladores que riscam as rochas antes da mão que escreveu sobre ela?” (p. 124).

A rocha revela a existência dos extensores intrínsecos à própria Terra, o vento, a chuva, o calor e o frio são as ferramentas que a Natureza utiliza para dilapidar a rocha, transformando-a e a consumindo. Nesse processo, o quê da rocha é conservado? O que é lembrado e o que é esquecido? A natureza possui sistemas próprios de aprendizagem e aprimoramento muito longos, os quais a autora se debruça a explicar, em especial sobre a produção de um “padrão de repetição na diversidade”. Então o que vem à cena é a imagem do labirinto, ilustrando a compreensão da “repetição com nuances de variação” como condição da existência. A cada caminho percorrido no labirinto nos deparamos com a saída de uma parte, que ao mesmo tempo é a entrada de outra. A arquiteta Paola Jacques (2011) fala que “a ideia de labirinto incorpora os paradoxos” e utiliza a ideia de aporia de Derrida para dizer que “os labirintos são onde as contradições residem numa mesma noção: a ordem/a desordem, a prisão/a liberdade, a clareza/a complexidade, a estabilidade/a instabilidade, etc.” (p. 95).

A cartografia de quem percorre o labirinto é completamente diferente de quem o observa de cima. Para Jacques (2011), quando o labirinto é visto de cima, perde seu aspecto labiríntico para se tornar pirâmidal, permitindo a visibilidade e o planejamento do caminho a se percorrer, o ponto de partida e o destino final. Com o processo de modernização das cidades no final do século XIX, surge a disciplina do urbanismo e o planejamento de mapas regulares com a finalidade de eliminar a ideia de labirinto. De acordo com essa autora, a grande diferença entre o labirinto improvisado e as cidades planejadas é a de que no primeiro só é possível confeccionar um mapa posteriormente ao labirinto já construído; e na segunda ocorre o contrário, os mapas e planos já existem antes da cidade. Ou seja, o labirinto guarda a **imprevisibilidade**, o caminho não traçado, não retilíneo, constituído de várias partes, sinuosidades, dobras onde tudo se mistura. “É na mistura que se tece a vida e é com ela que se habita e se confeccionam os mapas narrativos da re-existência.” (p. 128).

Para complementar a compreensão da ideia de imprevisibilidade, Dantas menciona a obra “Marcovaldo ou as estações na cidade” de Ítalo Calvino, falando do personagem Marcovaldo e sua perspectiva de observação diferenciada, fazendo com que ele siga pelo caminho sem a segurança que um mapa garantiria ao seu percurso, pois ele prefere ir se “guiando pelos encontros inesperados que interrompem o equilíbrio ou o repouso que a paisagem propicia.” (p. 157). Para ela, as atitudes do personagem revelam “gotas de desconhecimento”, que

também podem ser consideradas como “zonas de esquecimentos”, que só ocorrem quando se “contraria padrões, referências, métodos e mapas acabados para a navegação” (p. 159).

A essa altura da discussão podemos pensar na **“Geografia, o atlas das lembranças e dos esquecimentos”** como deslocamentos que possibilitam o encontro. O papel da cartografia, nesse caso, seria o de utilizar o mapa como uma possibilidade de cartografar as experiências dos sujeitos no espaço. Porém, a partir disso, se coloca o desafio de absorver e expressar essas experiências sendo que “a escala da experiência decorre da relação do indivíduo com o espaço, uma vez que elas estão enredadas pelas sensações e suas múltiplas significações.” (p. 172).

Dialogando com Jörn Seemann (2003), a autora apresenta a perspectiva de uma cartografia como roteiro que não segue a lógica do caminho mais curto, mas sim outras lógicas. O que se propõe é uma “cartografia da realidade”, na qual as experiências podem saturar as medidas, sendo borradas “pelas sensações e pelas percepções”, tendo a escala como um “valor heurístico”, como diz Iná de Castro (1995). O caminho que vai se apresentando por essa complexidade de sentidos, se torna imprevisível, incerto, somente surgindo com o desprendimento do “ancoradouro seguro da doutrina”, como diz Heisenberg (1996), conhecido como o filósofo da incerteza. São citados os exemplos das viagens de Colombo e de Ulisses como errantes de seu destino, preenchedores dos entre-espacos com imaginação que se delineiam pelos acontecimentos, de suas lembranças e esquecimentos.

Assim o são as narrativas de Ciência e Arte, também constituídas de espaços vazios que permitem a quem narra criar a partir das lembranças e esquecimentos de suas experiências, “resíduos temporais e espaciais que se mantêm ao longo dos percursos.” (p. 186). Podemos então pensar na proximidade Ciência-Arte como fundamentais para uma Geografia Mestiça. Segundo a autora, em consonância com Serres (1997), é preciso “mapear o movimento com doses de repetição” e também “com doses de instabilidade, variação, imaginação” para que as incertezas tomem seus lugares como ‘condição espacial da existência, que se desloca, flutua e tece o ‘atlas da vida’.” (p. 188-189) Ela critica a repetição de uma mesma informação em demasia, dizendo que isso a torna coberta por “tecidos excessivamente luminosos” que “amortecem a sua raridade.” Como no caso dos mapas traçados com os contornos rígidos da matemática, que acabam anulando a “experiência do deslocamento” e encobrendo “a precisão dos desenhos da alma”.

Enfatizando os **“deslocamentos incertos”**, a obra começa a se encaminhar para o final. A paisagem reaparece como um conceito ou categoria que extrapola a Ciência geográfica, pois é nela que se abriga a “relação entre a experiência sensível e as estratégias de deslocamento, evidenciando os movimentos de criação, resignificação, mestiçagem, ampliação e complexificação do espaço.” (p. 226) E é no atlas que as interfaces dessa paisagem podem ser percebidas, segundo a autora, fazendo com que o geógrafo ultrapasse o entendimento da existência

como algo físico para a compreensão de um “encontro de experiências sensíveis”. A descrição que até então apresentava-se como uma mera elencação de elementos físicos, aliada a uma percepção e compreensão mais apurada, se torna “contaminada” por suas sensações, fazendo com que, mais uma vez, a mestiçagem se evidencie, misturando “razão e emoção, corpo e sensação, fenômeno e experiência.” (p. 229).

Para finalizar a narrativa, Dantas escolhe Fernando Pessoa para falar da percepção como uma confluência de experiências externas e internas, de um mundo que nos alimenta os sentidos e de um estado de alma alimentado pelas lembranças e esquecimentos de nossas trajetórias. Citando Serres (2001), ela afirma que o geógrafo, que posicionado no mundo, ganha essa percepção, torna-se não apenas um leitor da paisagem, mas um *paisano*, que sente, percebe, cria e preenche de vida e movimento as cartografias das trajetórias, lembranças e esquecimentos. Mestiçagem. ○

REFERÊNCIAS

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga**. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro, Casa da palavra, 2001

KOYRÉ, Alexandre. **Do mundo do mais-ou-menos ao Universo da precisão**. In: VARELA, M. Helena. & LUCAS, Antônio M. R. (Orgs.) **Antropologia, Paisagens, Sábios e Selvagens**, Ed. Porto, Lisboa, 1982.